

# Batalha de Charleroi: do Plano Schlieffen ao massacre de Tamines

Carlos Roberto Carvalho Daróz<sup>a</sup>

**Resumo:** A Grande Guerra (1914-1918), posteriormente nomeada Primeira Guerra Mundial, colocou em lados opostos as principais potências mundiais. Iniciada com uma questão localizada nos Bálcãs, os antagonismos e pressões latentes desde meados do século XIX na Europa resultaram em uma “guerra total”, onde nações em armas se enfrentaram no primeiro conflito da era industrial. Nos primeiros movimentos da contenda, atendendo a um planejamento de guerra pré-estabelecido para subjugar a França, o Exército Alemão invadiu o Luxemburgo e a Bélgica, países neutros, ampliando a escalada do conflito. A invasão da Bélgica em 1914 resultou, entre outras, na Batalha de Charleroi, quando franceses e belgas tentaram resistir ao avanço alemão. Em Tamines, pequena vila contígua a Charleroi, os alemães desencadearam um dos muitos massacres contra a população civil belga. O presente artigo resulta de pesquisa historiográfica e de campo nas cidades de Charleroi e Tamines, e tem como objetivo analisar a batalha e o papel desempenhado pelas forças militares alemãs no massacre.

**Palavras-chave:** Primeira Guerra Mundial, crimes de guerra, Plano Schlieffen, Batalha de Charleroi.

## INTRODUÇÃO

Quando a Grande Guerra<sup>1</sup> foi deflagrada em agosto de 1914, após a crise que se estabeleceu na Europa com o assassinato do herdeiro do Império Austro-húngaro e de sua esposa em Sarajevo<sup>2</sup>, um

mecanismo de antagonismos e alianças militares foi desencadeado, dando origem a um conflito generalizado entre os países europeus e que se expandiria para uma guerra em nível mundial.

Os planos de guerra elaborados pelo Estado-Maior Geral ale-

---

<sup>a</sup> Coronel de Artilharia. Associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



mão, na transição dos séculos XIX para o XX, previam a invasão da Bélgica, um país neutro, com o objetivo finalístico de conquistar Paris em 40 dias, abrindo espaço para a Alemanha atuar em uma guerra de duas frentes, uma após a outra, primeiramente contra os franceses, no oeste, e depois contra os russos, no leste.

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar o contexto geopolítico que levou à invasão da Bélgica em 1914 nos primeiros movimentos da guerra, bem como estudar questões relativas à Batalha de Charleroi e aos crimes de guerra perpetrados pelo Exército Alemão em seu avanço.

## **AS ALIANÇAS POLÍTICO-MILITARES**

Em 1914, as seis principais potências da Europa encontravam-se divididas em duas alianças que se alinhavam em lados opostos política e militarmente: Grã-Bretanha, França e Rússia formaram a Tríplice Entente; enquanto Alemanha, Áustria-Hungria e Itália

constituíram a Tríplice Aliança. Essas alianças não foram a única causa da Grande Guerra, mas desempenharam um papel importante na aceleração da escalada da Europa em direção ao conflito.

Depois de uma série de vitórias militares entre 1862 e 1871, o chanceler prussiano Otto von Bismarck formou um estado alemão com base em diversos principados e reinos, em torno dos valores e referências da Prússia. Após a unificação da Alemanha, Bismarck temia que as nações vizinhas, particularmente a França e a Áustria-Hungria, pudessem agir para destruir seu país. Nesse sentido, visualizou uma cuidadosa série de alianças e decisões no âmbito da política externa que estabilizassem o equilíbrio de poder na Europa. Sem elas, ele acreditava, outra guerra continental seria inevitável<sup>3</sup>.

Bismarck sabia que uma aliança com a França não era possível por causa do persistente antagonismo na região da Alsácia-Lorena, província que a Alemanha havia conquistado depois de derrotar os franceses na Guerra Franco-



Prussiana (1870-1871). A Grã-Bretanha, enquanto isso, seguia uma política de não engajamento e relutava em aderir a quaisquer alianças europeias<sup>4</sup>.

Bismarck voltou-se para a Áustria-Hungria e para a Rússia. Em 1873, foi criada a Liga dos Três Imperadores, prometendo apoio mútuo durante a guerra entre a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Rússia. A Rússia se retirou do acordo em 1878, e a Alemanha e a Áustria-Hungria formaram a Aliança Dual em 1879<sup>5</sup>. O acordo estabelecia que as partes se ajudariam mutuamente se a Rússia atacasse, ou se ajudasse outra potência em guerra com qualquer um dos dois países.

Em 1882, a Alemanha e a Áustria-Hungria fortaleceram seus laços formando a Tríplice Aliança com a Itália. Todas as três nações prometeram apoio caso alguma delas fosse atacada pela França. Se algum membro se encontrasse em guerra com duas ou mais nações ao mesmo tempo, a aliança viria em seu auxílio. A Itália, a mais fraca das três, insistiu em uma cláusula

adicional, tornando nulo o acordo caso algum dos membros da Tríplice Aliança fosse o agressor. Pouco depois, a Itália assinou um acordo com a França, prometendo apoio se a Alemanha a atacasse<sup>6</sup>.

Bismarck pretendia evitar travar uma guerra em duas frentes, o que significava fazer algum tipo de acordo com a França ou com a Rússia. Devido às relações difíceis com a França, assinou o que chamou de "tratado de resseguro" com a Rússia, garantindo que ambas as nações permaneceriam neutras se uma estivesse envolvida em uma guerra com terceiros<sup>7</sup>. Se essa guerra fosse com a França, a Rússia não tinha obrigação de ajudar a Alemanha. No entanto, este tratado persistiu apenas até 1890, quando foi autorizado a caducar pelo governo que substituiu Bismarck, embora os russos tivessem interesse em mantê-lo. A medida geopolítica foi vista como um grande erro pelos sucessores de Bismarck.

Tão logo Bismarck foi alijado do poder, sua política externa cuidadosamente elaborada começou a desmoronar. Ansioso para expandir



o império de sua nação, o *kaiser* Wilhelm II seguiu uma política agressiva de militarização. Alar-madas com o crescimento naval da Alemanha, a Grã-Bretanha, a Rússia e a França fortaleceram seus próprios poderios. Enquanto isso, os novos líderes eleitos da Alemanha mostraram-se incompetentes em manter as alianças de Bismarck, e a nação logo se viu cercada por potências hostis.

A Rússia celebrou um acordo com a França em 1892, explicitado na Convenção Militar Franco-Russa. Os termos eram fluidos, mas vinculavam ambas as nações a apoiarem-se mutuamente caso estivessem envolvidas em uma guerra. Ele foi projetado para combater a Tríplice Aliança. Grande parte da diplomacia que Bismarck considerava fundamental para a sobrevivência da Alemanha foi desfeita em poucos anos, e a nação mais uma vez enfrentou ameaças em duas frentes.

Preocupada com a ameaça que as potências rivais representavam para suas colônias, a Grã-Bretanha começou a costurar alianças pró-

prias. Embora não tivesse apoiado a França na Guerra Franco-Prussiana, as duas nações prometeram apoio militar uma à outra, na Entente Cordiale de 1904. Três anos depois, a Grã-Bretanha assinou um acordo semelhante com a Rússia. Em 1912, a Convenção Naval Anglo-francesa uniu militarmente ainda mais a Grã-Bretanha e a França<sup>8</sup>.

Diante do assassinato do herdeiro do trono austro-húngaro Franz Ferdinand e sua esposa, as grandes potências da Europa reagiram de modo tal que levaram a uma guerra em grande escala no prazo de poucas semanas.

## **O PLANO SCHLIEFFEN E A INVASÃO DA BÉLGICA**

Na transição dos séculos XIX para o XX, a Alemanha desenvolveu um plano de guerra elaborado pelo chefe do Estado-Maior Geral Alfred von Schlieffen<sup>9</sup> – o Plano Schlieffen –, que previa a guerra faseada em duas frentes: uma contra a França e, muito provavelmente, contra a Grã-Bretanha, na frente



ocidental e, simultaneamente, contra a Rússia, na frente oriental. Completado em 1905, o plano baseava-se em um ataque alemão ao norte da França, cruzando os territórios da Bélgica e dos Países Baixos, passando ao longo da fronteira fortificada da França e descendo até Paris. Mesmo aposentado, Schlieffen continuou aperfeiçoando seu plano, tendo feito uma última revisão em dezembro de 1912, pouco antes de sua morte. Seu sucessor como chefe do Estado-Maior Geral, o general Moltke,<sup>10</sup> reduziu a linha de avanço, eliminando os Países Baixos, que Hitler devolveria ao plano em 1940. Como a possibilidade de uma guerra com a Rússia tornava-se cada vez mais provável, o Plano Schlieffen modificado emergiu como um recurso essencial para evitar a guerra em duas frentes, conseguindo assim uma dupla vitória<sup>11</sup>.

No dia 24 de julho, o governo belga anunciou que, em caso guerra, o país permaneceria neutro, no entanto, o governo belga mobilizou suas forças armadas uma semana mais tarde, quando um estado de

alerta elevado (*Kriegsgefahr*) foi proclamado na Alemanha. No dia 2 de agosto, o governo alemão enviou um ultimato à Bélgica, exigindo que o país, assim como o grão-ducado de Luxemburgo, autorizasse a passagem de suas tropas. Os belgas se recusaram, apoiados no Tratado de Londres, de 1839, pelo qual Grã-Bretanha, Áustria, Prússia, França e Rússia tinham concordado que a Bélgica formava perpetuamente um Estado independente e neutro<sup>12</sup>, e os britânicos e franceses asseguraram o apoio militar à Bélgica<sup>13</sup>.

O governo alemão declarou guerra à Bélgica no dia 4 de agosto, e suas tropas cruzaram a fronteira, dando início à Batalha de Liège. O planejamento militar na Bélgica levou os 1º, 2º e 3º Exércitos alemães a cruzarem o território belga, em um movimento de envolvimento para invadir a França. A Bélgica resistiu, apoiada pelos franceses e britânicos, e, como retaliação, os alemães perpetraram inúmeras atrocidades contra a população civil<sup>14</sup>.

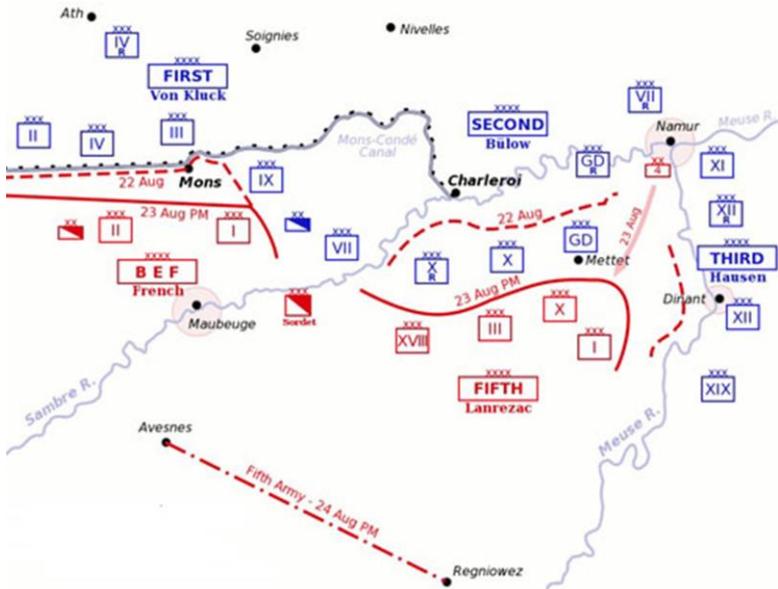


## A BATALHA DE CHARLEROI

Inserida nos primeiros movimentos da Grande Guerra em 1914, a Batalha de Charleroi desenvolveu-se entre 21 e 23 de agosto de 1914, pelo confronto do 5º Exército francês com os 2º e 3º Exércitos

deslocou-se pelo interior do território belga com o propósito de impedir a marcha alemã vinda do oeste. Por sua vez, o 2º Exército alemão ingressou na Bélgica por Maubeuge, junto à fronteira francesa, em um movimento giratório centrado nas Ardenas, avançando na direção

Fig. 1 – Mapa mostrando as forças oponentes em Charleroi



Fonte: Wikimedia

alemães. Reagindo à invasão e respeitando os compromissos assumidos anteriormente entre Paris e Bruxelas, o 5º Exército francês

sul-sudoeste com o objetivo de ultrapassar o Rio Meuse.

A oeste do 5º Exército, na cidade de Mons, posicionou-se a



Força Expedicionária Britânica (*British Expeditionary Force* - BEF), que também ocorreu em socorro da Bélgica e estabeleceu contato com o 1º Exército alemão, do coronel-general Alexander von Kluck. A sudoeste do 5º Exército encontrava-se o 4º Exército francês, do general de Langle de Cary.

O Rio Sambre, principal tributário do Meuse, é um dos mais importantes da Europa Ocidental. O rio flui inicialmente do sudoeste para o nordeste e, depois, em Charleroi, torna-se mais sinuoso e segue gradualmente para o oeste até Namur, onde deságua no Meuse. Toda a região banhada pelo rio era, em 1914, densamente povoada, especialmente nas proximidades de Charleroi, onde a indústria vinha se desenvolvido celeremente<sup>15</sup>. O rio era militarmente um obstáculo pouco significativo devido ao grande número de pontes que o atravessam e a sua pouca profundidade. A defesa era mais viável por meio da ocupação das elevações que dominavam o rio e suas pontes ao norte e ao sul. As edificações, casas e obstáculos de todo tipo

obscurciam a visão e facilitavam o progresso de uma operação ofensiva.

No século XIX, o Império francês atribuiu grande importância a Charleroi, tornando-a comuna, cidade principal do distrito e do departamento, bem como sede de um tribunal de primeira instância. Foram criados na cidade escritórios para impostos diretos, subsídios e conservação de hipotecas. Charleroi viu a chegada de advogados, funcionários públicos, comerciantes, artesãos e industriais em seu território<sup>16</sup>. Charleroi continuou sendo uma cidade modesta, porém sua população aumentou de 3.900, em 1803, para 4.500 em 1809. A cidade era habitada principalmente por uma população liberal.<sup>17</sup>

Charleroi foi palco de uma importante batalha durante as Guerras Napoleônicas, em 1815. Quando as primeiras colunas militares francesas chegaram a Beaumont, na noite de 13 de junho, estava chovendo há vários dias e as estradas ficando intransitáveis. No dia seguinte, Napoleão Bonaparte chegou a Beaumont com a intenção



de ir até Charleroi e atravessar o Sambre, para dar combate aos prussianos. Três colunas estavam prontas para marchar na direção norte para cruzar o Sambre em Marchienne-au-Pont, Charleroi e Châtelet.

Em Jamioulx, na manhã do dia 15, Napoleão ordenou a seus soldados que atravessassem o rio. A progressão em direção a Charleroi foi pontuada pelos combates contra as tropas prussianas posicionadas ao sul da cidade e as vanguardas francesas. Por volta das seis horas da manhã, os primeiros tiros foram ouvidos ao lado de Couillet, Mont-sur-Marchienne e Marcinelle<sup>18</sup>. Os prussianos recuaram, mas fogos ainda foram trocados quando os franceses chegaram a Charleroi às 11 horas, investindo sobre a represa de Marcinelle. A Ponte de Sambre estava obstruída por barricadas, impedindo que os franceses avançassem. Em seguida, a ponte foi atacada, liberando o acesso à Ville-Haute. As tropas inimigas recuaram em direção a Gilly. Napoleão não estava longe,

deixou Jamioulx e seguiu para Charleroi, conquistando a cidade. A vitória em Charleroi abriu o caminho para Bruxelas<sup>19</sup>.

Com a criação do Estado belga em 1830, após a Revolução da Bélgica contra o domínio dos Países Baixos, na qual a população de Charleroi participou ativamente, a economia local se desenvolveu graças à expansão de antigas indústrias e à instalação de novos meios de produção, bem como ao desenvolvimento de estradas e das comunicações<sup>20</sup>.

Em razão de sua localização, apoiada no Rio Sambre e densamente povoada, em 1914 consistia uma posição defensiva estratégica relevante, guarnecida pelos soldados franceses e belgas, diante do avanço alemão.

A batalha de Charleroi envolveu expressivas forças de combate francesas e alemãs. As principais grandes unidades que se confrontaram foram o 5º Exército francês (este reforçado por unidades belgas), e o 2º Exército alemão.



O 5º Exército, conhecido como Exército de Paris, era liderado pelo general Charles Lanrezac e estava organizado com os:

- I Corpo (general d'Esperney);
- III Corpo (general Sauret);
- X Corpo (general Deforges); e
- XVIII Corpo (general De Mas-Latrie)<sup>21</sup>.

No plano oposto, o 2º Exército alemão posicionado diante de Charleroi era comandado pelo coronel-general Bernhard von Bülow (Fig. 2). A força germânica estava estruturada para o combate com os:

- VII Corpo (general Von Einnen);
- X Corpo (general Von Emmich);
- Corpo de Guardas (general Von Plettenberg);
- VII Corpo de Reserva (general Von Zwehl);
- X Corpo de Reserva (general Von Kirchbach); e
- Corpo de Guarda de Reserva (general Von Gallwitz)<sup>22</sup>.

As forças alemãs superavam em muito as francesas, tanto em

Fig. 2 – General Bernhard von Bülow, comandante do 2º Exército alemão e vencedor da Batalha de Charleroi



Fonte: Illustrierte Geschichte des Weltkrieges

número, quanto em poder de fogo, especialmente no que dizia respeito à artilharia.

No dia 20 de agosto, o 5º Exército francês avançou para o norte, coberto pelo Corpo de Cavalaria Sordet, com dois corpos de exército em primeiro escalão: o III e o X, enquanto o I corpo cobria o flanco direito. A força de ataque principal alcançou o Sambre entre Charleroi e Namur e preparou-se para conquistar as pontes, enquanto o I Corpo se estabeleceu ao longo do Meuse. O 5º Exército formou, assim, uma posição defensiva que compreendia um ângulo reto em



seu limite nordeste, incluindo a cidade de Dinant, onde foi atacado pelo 3º Exército alemão.

O 2º Exército alemão, por sua vez, avançou também protegido pela Cavalaria, com dois corpos de exército em primeiro escalão: o X e o Corpo de Guardas. No dia seguinte, a vanguarda alemã se reuniu nas pontes da região de Taminnes, Arsimont e Auvélais. Diante da ameaça de os alemães conseguirem cruzar o rio, os franceses desceram das alturas que dominavam o Sambre para combater diretamente nas pontes. O terreno era difícil, pois a área bastante industrializada e densamente povoada impedia o emprego eficaz da artilharia de campanha. Os alemães foram inicialmente repelidos, mas logo conseguiram estabelecer cabeças de ponte na margem sul do Sambre, apesar das tentativas francesas de desalojá-los.

Em 22 de agosto, os dois corpos franceses reforçados pelas 37ª e 38ª divisões (Zuavos e atiradores argelinos do Exército da África) tentaram contra-atacar e retomar as pontes, mas a ação não logrou êxi-

to. Essas contraofensivas, realizadas de acordo com a doutrina francesa em vigor, a *offensive à outrance*<sup>23</sup>, produziram muitas baixas, sem nenhum resultado objetivo, renunciando o que seriam os campos de batalha da Grande Guerra. Os franceses descobriram da pior forma possível a eficácia das metralhadoras e da artilharia pesada alemã. O segundo escalão alemão tentou, então, invadir Charleroi<sup>24</sup>.

Na manhã de 23 de agosto, os III e X Corpos franceses, gravemente afetados pelo fracasso de sua contraofensiva, ocuparam uma posição defensiva nas alturas ao sul do Sambre. O I Corpo francês estabeleceu contato com as tropas de flanco do 3º Exército alemão ao longo do Meuse e tentou evitar que o rio fosse atravessado, particularmente na região Dinant, sem sucesso.

Ao mesmo tempo, a Força Expedicionária Britânica, posicionada a oeste do 5º Exército francês, enfrentou o 1º Exército alemão em Mons, mas foi obrigada a se retirar<sup>25</sup>.



Assim, ambos os flancos do 5º Exército francês foram ultrapassados pelos alemães. Ameaçado de ser envolvido e perder a totalidade de seu exército, no dia 24 de agosto o general Charles Lanrezac ordenou uma retirada geral ao longo da linha Avesnes-Regniowez e depois La Capelle-Hirson-Charleville, com o reduto de Maubeuge à esquerda e a floresta das Ardenas à direita, em uma tentativa de manter a iniciativa, o que não se configurou. Ainda que derrotado, pelo menos conseguiu se retirar em boa ordem e não perdeu seu exército.

## MASSACRE EM TAMINES

No contexto da invasão da Bélgica, a força invasora alemã perpetrou diversos massacres contra a população civil, motivados pela inesperada e tenaz resistência belga e pelo mito dos “franco-atiradores”<sup>26</sup> entre a população civil. Em diversas cidades belgas, civis foram reunidos e fuzilados pelo Exército alemão, e, na Batalha de Charleroi, não foi diferente. Na pequena vila de Taminés, contígua

à cidade industrial, mais de 600 cidadãos belgas foram massacrados pelos alemães.

Enquanto o general Von Kluck, comandante do 1º Exército alemão se concentrava em Mons, objetivando conquistar Paris, o General Von Bülow, à frente do 2º Exército, continuou sua rota em direção ao baixo Sambre, na direção de Namur e Charleroi. Em 12 de agosto, Von Bülow chegou em Huy e, no dia 20, em Andenne, onde mandou fuzilar 200 civis<sup>27</sup>. No dia seguinte, ele seguiu para Taminés, pequena vila 15 quilômetros a leste de Charleroi, onde enfrentou a oposição da 19ª Divisão de Infantaria francesa e de um contingente do X Corpo francês, além de remanescentes da Guarda Civil belga desdobrada em Charleroi.

Por volta das 6 horas da manhã, uma patrulha de cinco ulhanos<sup>28</sup> alemães chegou em Taminés pela estrada para Ligny. Um dos soldados alemães foi ferido por um tiro disparado por um francês e, uma hora mais, um pelotão de 30 ulhanos, acompanhado por ciclistas, chegou à área de combate, ao



mesmo tempo em que outras tropas se apresentaram como reforços.

Por volta das 13h00, travou-se um combate ao lado de Auvelais, Velaines e Arsimont. Os franceses e alemães se enfrentaram em duelos de artilharia, com as baterias alemãs posicionadas em Velaine e Alloux. Os franceses, foram superados pela artilharia pesada alemã, mas tentaram, na medida do possível, cumprir missões de contrabateria a partir de Tamines e Arsimont<sup>29</sup>.

Na margem francesa, as pontes sobre o Sambre em Tamines, Auvelais e Farciennes foram guardadas a partir da estação ferroviária de Tamines. Pequenos contingentes foram posicionados com o propósito de retardar o avanço alemão<sup>30</sup>.

Protegendo-se atrás de civis, que serviram como escudos humanos, os alemães atravessaram o Sambre no final da tarde, enquanto outros civis retiraram sacos de areia, barricadas e outros equipamentos e veículos que estavam obstruindo as pontes. Diante de um intenso contra-ataque desencadea-

do pelos franceses, os alemães se retiraram, à custa de pesadas baixas. Como represália, no início da noite Tamines viu chegar um fluxo constante de soldados alemães que atearam fogo a muitas casas da vila<sup>31</sup>.

Por volta das 2 horas da manhã, os alemães investiram novamente contra a ponte defendida pelos franceses em Tamines, sob o intenso fogo de artilharia desfechado por ambos os lados. Os civis decidiram seguir para o centro da aldeia para se protegerem dos incêndios que assolavam suas casas, enquanto os franceses abandonaram a localidade na direção do sul. Nos combates em Tamines, cerca de 600 soldados alemães foram postos fora de ação.

Enquanto a batalha se desenvolveu do outro lado da ponte e os franceses recuavam, os civis belgas foram reunidos pelos alemães, separados em grupos homens, mulheres e crianças<sup>32</sup>. Muitos deles foram aprisionados na igreja Notre-Dame des Alloux, onde se viram diante da contingência de serem baleados ou queimados vivos na



edificação. Em outra parte da vila, os alemães reuniram um grupo de 150 pessoas, que continuou a crescer em número no dia seguinte. Na igreja, por volta das 19 horas, e depois de terem separado mulheres e crianças e as transferido para um prédio próximo, um oficial alemão anunciou que alguns seriam fuzilados<sup>33</sup>. Cerca de 600 homens foram levados para fora da igreja na direção da Praça Saint-Martin, contígua e diretamente voltada para o Sambre. Três sacerdotes que acompanhavam o grupo foram insultados e espancados com coronhadas pelos alemães<sup>34</sup>.

Um pelotão de fuzilamento apontou contra os civis alinhados, enquanto um oficial acusou-os de terem matado soldados alemães. Às 20 horas soou a ordem, dada por silvo de apito, e os cidadãos de Tamines foram sumariamente fuzilados. Algumas pessoas conseguiram saltar para o rio, conseguindo sobreviver.

O pelotão de fuzilamento foi dispensado, mas foi substituído por um grupo de soldados com braçadeiras da Cruz Vermelha vindos da

igreja, supostamente soldados do Serviço de Saúde. Estes estavam armados com fuzis, baionetas, tacos, eixos e outras armas improvisadas. Muitos feridos, reconhecendo as braçadeiras, pediram ajuda a esses "enfermeiros que vieram para ajudá-los"<sup>35</sup>. O abade Donnet, testemunha do massacre, observou que

[...] houve duas partes distintas na operação. Primeiro de tudo, eles começaram a matar indiscriminadamente, no amontoado de corpos [...] subiram, passaram por cima dos mortos, dos feridos, dos moribundos, e atacaram tudo o que parecia ser uma alma viva. [...]. Na segunda fase, os homens e soldados da ambulância [...] usaram todos os tipos de instrumentos. Antes de tudo, a baioneta: eles a empurraram para todos os lados, para o monte de carne humana; alguns foram trespassados sob vários cadáveres [...]. Também atingiram com as pontas de seus fuzis; alguns tinham grandes toros de madeira, barras de ferro: eu vi alguns novamente e os encontrei no dia seguinte ao da carnificina, todos cobertos de carne, cérebro e sangue. Finalmente, também ouvi os feridos serem atingidos



com chicotes. [...] Aqui chegamos, se me permitem dizer, ao auge da crueldade. Os soldados operaram aos pares; apreenderam as vítimas uma a uma, examinaram se estavam vivas, depois as eliminaram com golpes de baioneta violentos e repetidos. [...] Depois, [...] jogaram-nas no Sambre<sup>36</sup>.

Emile Leroy, morador de Tamines, também sobreviveu a esses soldados do “Serviço de Saúde” encarregados de acabar com os feridos. Mais tarde, narrou sua terrível experiência:

[...] o primeiro golpe atravessou meu braço esquerdo, o segundo, mais furioso, passou por baixo de meu peito e foi graças a um caderno no bolso, que, furado de um lado para o outro, meu coração não foi atingido. Recebi um terceiro golpe no flanco direito, depois do qual, temendo que os golpes me atingissem no rosto ou no estômago, com um esforço sobre-humano, me virei. Exasperado, sem dúvida, meu carrasco lançou um golpe terrível com sua arma. Penetrou o lado esquerdo do meu pescoço abaixo da artéria carótida, atravessando parte da minha garganta e saindo abaixo do

meu queixo. Senti o ferro se movendo muito bem na ferida, toquei-o até mesmo com a mão. Tendo retirado sua arma da ferida, o bruto me ofereceu o “golpe de misericórdia” e me deu um golpe tremendo com a coronha de seu fuzil na parte de trás de meu pescoço; então ele me abandonou, sem dúvida, acreditando que eu estava morto. Ele estava enganado, eu ainda estava vivo e ainda tinha minha presença de espírito. No entanto, estava perdendo muito sangue; temendo atrair novamente a atenção, não ousei fazer qualquer movimento. Por um esforço supremo de vontade, porém, consegui, usando precauções, amarrar meu lenço de bolso ao redor do pescoço para tentar estancar o fluxo de sangue, pois estava perfeitamente ciente de que a ferida era a mais grave das que já havia recebido. Mal terminei quando de repente ouvi os selvagens voltando; era noite e mesmo assim via muito bem que eles estavam armados com pedaços de madeira. Por sua vez, atacavam novamente na pilha [...], podia ouvir os golpes quebrando os crânios. Por meio de pequenas lâmpadas elétricas, eles inspecionavam suas vítimas, e aqueles que reclamavam eram pegos na mão e jogados no Sambre



[...]. Foi então que, de repente, senti a bota de um desses bandidos tocando meu rosto, ele estava ali parado ao meu lado [...]. Depois de alguns minutos de espera que pareceram um século, ele se foi [...] <sup>37</sup>.

Os sobreviventes de Tamines concordam que o massacre durou cerca de uma hora. Afastado do grupo, o abade Donnet foi deixado para morrer ao lado de duas sentinelas alemãs, mas conseguiu sobreviver. Jogados nas águas do Sambre, vários homens conseguiram nadar em direção às fazendas próximas ao local da carnificina; alguns auxiliaram os que estavam em pior situação, que reclamavam e gemiam.

No dia seguinte, ao amanhecer, os alemães tiveram que decidir o que fazer com os sobreviventes. Eles tinham duas opções: levá-los para Fleurus, não muito longe de Tamines, ou reconstituir um pelotão de fuzilamento. Depois das 9h30 da manhã, os remanescentes da população que haviam permanecido na igreja de Alloux foram obrigados a avançar em dois grupos separados: mulheres e crianças

de um lado, homens do outro. A coluna dos homens se dirigiu sem saber o que os esperava para a Praça Saint-Martin, ao sul do vilarejo. O grupo de mulheres e crianças seguiu posteriormente, para o mesmo lugar. Quando chegaram, os primeiros homens ficaram espantados ao descobrir alguns sobreviventes do massacre, bem como os cadáveres baleados ou encontrados carbonizados na aldeia e amontoados na localidade <sup>38</sup>.

Quando as mulheres e seus filhos chegaram, a praça estava lotada de soldados alemães e puderam testemunhar o terrível espetáculo dos homens exalando um odor terrível, devido à sua condição física e à temperatura particularmente quente do verão. Sob a ameaça das baionetas, permaneceram até por volta do meio-dia, quando, finalmente, chegaram alguns oficiais superiores, de carro e a cavalo, e uma mesa foi montada para eles comerem e beberem. Em seguida, os soldados alemães se revezaram à mesa, onde, muito embriagados, jogaram suas garrafas vazias nos sobreviventes e es-



pectadores. No início da tarde, levando uma mensagem da sede, os oficiais ordenaram que os homens fuzilados fossem enterrados não muito longe do local de execução. Cerca de quarenta voluntários, a quem haviam sido dadas ferramentas, começaram a cavar um poço de 10 metros de comprimento e cerca de 6 metros de largura<sup>39</sup>.

Uma nova equipe foi então responsável por colocar os cadáveres no poço e, a fim de acelerar a manobra, alguns sobreviventes do fuzilamento foram chamados para ajudar a enterrar os mortos. Às 17 horas, os alemães finalmente libertaram os reféns remanescentes. Em Tamines, os feridos mais graves foram tratados pelas freiras dos conventos das Irmãs da Providência e da Imaculada Conceição.

Entre 21 e 23 de agosto de 1914, das 613 vítimas, 315 homens haviam sido baleados, 40 afogados, 13 carbonizados, 31 morreram por outras causas, e 24 morreram em consequência dos eventos. 40 civis que morreram tinham menos de 21 anos de idade. Cerca de 300 casas foram queimadas. A justificativa

oficial alemão para o massacre foi que civis belgas haviam disparado contra os soldados alemães, o recorrente mito dos franco-atiradores.

Esvaziada da grande maioria de sua população, Tamines foi sistematicamente saqueada. A pequena vila detém o triste recorde de 40 vítimas com menos de 21 anos executados na Grande Guerra, a maioria homens<sup>40</sup>. Nos primeiros vinte dias da guerra na Valônia, 5 mil civis foram mortos e 15 mil residências destruídas.

## **A MEMÓRIA DA BATALHA**

Charleroi hoje é uma cidade industrial, articulada por via ferroviária a menos de uma hora de Bruxelas. Por ter sofrido o peso do avanço alemão em agosto de 1914 e experimentado o massacre no distrito de Tamines, a memória sobre a Grande Guerra e suas vítimas é bastante presente. Diversos espaços de memória corroboram o passado de sofrimento da população cidade<sup>41</sup>.



De acordo com Pierre Nora, um lugar de memória, em todos os sentidos da palavra, pode variar desde o objeto mais material e concreto, localizado geograficamente, até o objeto mais abstrato e intelectualmente construído. Pode, portanto, ser um monumento, uma personagem, um museu, um arquivo, ou mesmo um símbolo, um lema, um evento ou uma instituição<sup>42</sup>. Compreensivelmente, Charleroi e Tamines possuem hoje diversos espaços de memória ligados à batalha, em um esforço memorialístico que começou imediatamente logo após o final da Grande Guerra.

No rescaldo do conflito, as comunas encorajadas por seus habitantes decidiram erguer monumentos para honrar suas vítimas. Os primeiros monumentos simples apareceram por volta de 1919, e, logo em seguida, memoriais foram construídos em cemitérios ou necrópoles militares, mas não só isso. Monumentos, desde a simples placa até os mais majestosos, foram erguidos nos campos de batalha onde os soldados tombaram, mas

também no ambiente onde viviam: as vítimas, nas praças públicas, nas ruas, nas escolas, nas estações ferroviárias. Enquanto alguns memoriais foram assinados por grandes artistas, outros resultaram de uma produção anônima e coletiva<sup>43</sup>. Estudaremos alguns deles por sua relevância.

Um dos mais importantes monumentos de Charleroi é o memorial de guerra comumente conhecido como "Aos nossos Mártires"<sup>44</sup>, que honra a memória das vítimas dos dois conflitos mundiais (Primeira e Segunda Guerras Mundiais). Após o encerramento da Grande Guerra, as autoridades de locais decidiram erguer um monumento em homenagem às vítimas da guerra. Inicialmente, deveria estar localizado no cruzamento da Rue de la Montagne e das avenidas Audent e de l'Yser; área completamente devastada quando as tropas alemãs chegaram em agosto de 1914. O trabalho de fundação foi realizado ali, mas os comerciantes, com receio de o monumento não ser devidamente destacado, foi posicionado na Ville-Haute no



fundo da Avenue de Waterloo<sup>45</sup>, uma das vias mais importantes da cidade.

Outra referência significativa na cidade é o monumento Franco-Belga, erigido no local onde quatro civis foram baleados pelos alemães em 22 de agosto de 1914, e que honra a memória dos soldados belgas e franceses que caíram em Marchienne-au-Pont, ou morreram ali em consequência de seus ferimentos. Inaugurado em 21 de agosto de 1921, o memorial também serve de cripta e é cercado por um espaço verde com a aparência de um jardim francês. Os portões de acesso são decorados com o brasão Marchienne, nas cores francesas, azul-branco-vermelho. Os nomes das vítimas: 87 belgas e 11 franceses encontram-se gravados em destaque. Os restos mortais de 20 soldados belgas e franceses jazem na cripta do monumento<sup>46</sup>.

Em 24 de dezembro de 1921, duas placas comemorativas foram inauguradas por iniciativa da administração dos trabalhadores ferroviários, carteiros, telefonistas e operadores de telégrafos, seladas

no saguão principal da estação ferroviária Charleroi-Sud. As duas placas rememoram os nomes dos funcionários e profissionais dessas categorias que morreram por seu país, seja na frente, nas prisões alemãs, diante de pelotões de fuzilamento, ou covardemente assassinados durante o avanço do inimigo em agosto de 1914. Se prestam homenagem àqueles que perderam a vida, evocam também a memória daqueles que permaneceram em seus postos de trabalho na ferrovia, aplicando seus esforços e conhecimento para ajudar a mobilizar o exército belga e enviar homens, armas e logística para a frente de batalha<sup>47</sup>.

Outro espaço de memória existente em Charleroi é o *Musée des Chasseurs à Pied* (Museu dos Caçadores a Pé), uma das principais instituições museológicas e de pesquisa para compreender a história militar contemporânea da Bélgica<sup>48</sup>. O museu encontra-se localizado na Caserne Trésignies, atualmente ocupada por organizações civis e que foi, até 1976, a guarnição de vários regimentos de Caça-



dores a Pé. O nome "Trésignies" foi dado em memória ao cabo León Trésignies, herói da Grande Guerra, miliciano do 2º Regimento de Caçadores a Pé<sup>49</sup>. Organizado sob o título "o preço da liberdade", o museu mostra de forma didática como foi a atuação da infantaria leve do Exército Belga nos conflitos desde a revolução que consolidou o país até os dias atuais<sup>50</sup>.

No parque Rainha Astrid, região central Charleroi, encontram-se dois monumentos importantes que rememoram a Grande Guerra. O primeiro homenageia os combatentes dos 1º e 4º Regimentos de Caçadores a Pé, unidades de infantaria belgas baseadas na cidade, e contém a seguinte inscrição: "Em memória de todos que durante a Primeira Guerra Mundial tombaram pela liberdade e pela democracia"<sup>51</sup>. Também ali se encontra um monumento homenageando os pombos-correios, aves que contribuíram para a vitória dos Aliados no conflitos. É relevante pontuar que, em diversas cidades belgas e francesas, existem monumentos dedicados a esses animais, impor-

tantes vetores de comunicações militares na época do conflito.

O Cemitério *Charleroi Nord* foi estabelecido desde o final da década de 1890 no distrito de Faubourg. À esquerda da entrada encontra-se o cemitério militar da *Commonwealth*<sup>52</sup>; ao fundo, no canto sudoeste, estão os túmulos dos soldados franceses que morreram em Charleroi durante a Grande Guerra. Além destes, há várias sepulturas honrando soldados e veteranos belgas<sup>53</sup>. A quadra da *Commonwealth* contém 285 sepulturas de soldados que tombaram na guerra, seja no combate inicial, em agosto de 1914, ou como prisioneiros de guerra. 169 britânicos, 18 canadenses, 79 australianos, 1 neozelandês, 1 sul-africano, 2 indianos e 15 alemães estão sepultados ali<sup>54</sup>.

Em Tamines, vila onde ocorreu o massacre perpetrado pelos alemães, após a visita do Rei Alberto em 13 de março de 1919, foi decidida a construção de um monumento homenageando os cidadãos fuzilados. O escultor bruxelense Louis Mascrée criou a homenagem, que foi inaugurada na Place



des Martyrs em 22 de agosto de 1926, na presença do Príncipe Leopold. Em maio de 1940, no entanto, com a Bélgica novamente sob ocupação, os alemães o dinamitaram. Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o monumento foi reconstruído e inaugurado em 12 de agosto de 1951<sup>55</sup>.

## REFLEXÕES FINAIS

O avanço alemão contra o Luxemburgo e a Bélgica inaugurou a guerra mundial na Europa. O conflito entre o Império Austro-Húngaro e a Sérvia expandiu-se, envolvendo as mais importantes potências mundiais e atingiu um patamar global.

A Bélgica, um país pequeno e dependente de apoios externos conseguiu, apoiada pelos franceses e britânicos, resistir por pouco tempo ao avanço alemão, mas prejudicou a execução do Plano Schlieffen. Sua resistência, no entanto, resultou no embrutecimento do Exército Alemão, que perpetrou diversos massacres contra a popu-

lação civil, particularmente entre os habitantes da Valônia.

A Batalha de Charleroi foi travada de acordo com a tática de ataque frontal vigente à época e consoante com a doutrina militar francesa. Apesar dos esforços e da iniciativa, o Exército Francês, apoiado pelos belgas, foi rapidamente superado pelos alemães, que possuíam poder de combate muito superior. As deficiências da doutrina francesa tornaram-se evidentes, em particular a *offensive à outrance*, que provocou muitas baixas sem que houvesse ganhos estratégicos ou táticos correspondentes.

Tal postura destacou o equilíbrio e a complementariedade necessários entre o fogo e movimento, demonstrando a incapacidade do Exército Francês de organizar uma operação defensiva eficaz. Os alemães tornaram evidente sua superioridade tática, particularmente no método de progressão coordenada e no emprego das metralhadoras. Sua superioridade material em artilharia pesada foi estabelecida, superando os canhões de tiro rápido franceses de 75 mm,



uma arma inovadora que era eficaz, rápida e flexível no uso, porém com alcance limitado.

O General Lanrezac, por sua vez, ordenou a retirada do 5º Exército francês no momento exato. Envolvido em seus flancos pelos alemães, sua posição defensiva rapidamente se tornou insustentável, e suas tropas, apesar de muito debilitadas, mantiveram boa disciplina e espírito de luta, e recuaram em boa ordem. Essa retirada, embora tenha sido uma derrota tática, configurou-se em um trunfo estratégico, na medida em que contribuiu para a manutenção do núcleo do 5º Exército.

Os alemães prosseguiram cumprindo o Plano Schlieffen, tentando conquistar Paris nos primeiros 40 dias da guerra, o que não se configurou, em parte devido à resistência da Bélgica e de seus aliados franceses e britânicos. A ofensiva alemã prosseguiu, até ser contida pelos franceses na Batalha do Marne, que barrou as tropas alemãs e assegurou Paris. O resultado do fracasso da ofensiva alemã foi a estabilização das linhas de

combate, imobilizando a guerra na Frente Ocidental e conduzindo à “guerra de trincheiras”, geratriz da carnificina que se estendeu pelos próximos quatro anos da guerra.

## BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE, Simon. *Mémoire d'une "Cité martyre"*: le massacre de Tamines du 22 août 1914. Leuven: Université Catholique de Leuven, 2001.

ANDENNE VILLE MARTYRE. *Le cimetière des fusillés*. Disponível em <<https://ville-martyre.andenne.be/project/le-cimetiere-des-fusilles/>>. Acesso em 25 fev. 2022.

BIBLIOTHECA DIGITALIA SAMBREVILLE. *Horreur de la Guerre (Croix-Rouge), massacre de Tamines, le 22 août 1914 - 637 victimes*. Disponível em <<https://bibliotheqa.sambreville.be/thematiques/histoire/guerre-14-18/archives/horreur-de-la-guerre-croix-rouge-massacre-de-tamines-le-22-aout-1914-637-victimes>>. Acesso em 24 fev. 2022.

BURY, J.P.T. *The New Cambridge Modern History: the shifting balance of world forces 1898–1945*.



Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

CRON, Hermann. *Imperial German Army 1914–18: organisation, structure, orders-of-battle*. Solihull: Helion, 1937.

DER BAGDASARIAN, Nicholas. *The austro-german rapprochement, 1872–1879: from the Battle of Sedan to the Dual Alliance*. Cranbury: Fairleigh Dickin son University Press. 1976.

DIERICK, François. *Histoire(s) & patrimoine de Charleroi*. Disponível em <<http://www.charleroi-decouvert.be/pages/index.php?id=503>>. Acesso em 27 fev. 2022.

EVERARD, Jean. *Monographie des rues de Charleroi*. Charleroi: Collins, 1959.

FRANÇOIS, Aurore; VESENTININE, Frédéric. Essai sur l'origine des massacres du mois d'août 1914 à Tamines et à Dinant. *Cahiers d'Histoire du Temps Présent*, Bruxelles, CEGES-SOMA, n. 7, 2000, p. 51-82.

GILBERT, Martin. *A primeira guerra mundial: os 1.590 dias que transformaram o mundo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

HAMILTON-WILLIMS, David. *Waterloo: new perspectives, the great battle reappraised*. London: Arms & Armour Press, 1993.

HASQUIN, René-Pierre Hasquin. *De Charnoy-village à Charleroi-Métropole*. Bruxelles: Labor, 1969.

HEALEY, Gordon. *The anglo-french military and naval conversations, 1906-1912: a study in pre-war diplomacy*. 1952. 150 f. Dissertação (Mestrado em Artes). North Texas State College, Denton. 1952.

HISTOIRE(S) & PATRIMOINE DE CHARLEROI. *Les débuts et la fin du village de Charleroy*. Disponível em <<https://www.charleroi-decouvert.be/pages/index.php?id=411>>. Acesso em 24 fev. 2022.

HORIZON 14-18. *Bataille de Charleroi*. Disponível em <<https://horizon14-18.eu/charleroi.html>>. Acesso em 25 fev. 2022.

HORNE, John; KRAMER, Alan. *German Atrocities, 1914: a history of denial*. Newhaven: Yale University Press, 2001.

KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster, 1994.



LES MONUMENTS AUX MORTS. Belgique (Namur), Tamines. Disponível em <<https://monumentsmorts.univ-lille.fr/monument/37968/tamines-place/>>. Acesso em 27 fev. 2022.

MUSÉE DES CHASSEURS À PIED. *Histoire et Architecture de la caserne d'infanterie de Charleroi*. Disponível em <<https://www.chasseurs-a-pied-belges.be/musee/musee.htm>>. Acesso em 27 fev. 2022.

NAËRT, M. C. et all (org.). *Les armées françaises dans la Grande guerre*, v. 1 Paris: Imprimerie nationale, 1936.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PALMER, Alan. *Bismarck*. Brasília: Editora UNB, 1982.

SAMBRE-MARNE-YSER. *Bataille de Charleroi (21-23 août 1914)*. 2006. Disponível em <<http://www.sambre-marne-yser.be/>>. Acesso em 23 fev. 2022.

SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. São Paulo: Contexto, 2015.

THE ECONOMY around 1914: overview. *RTBF*, Bruxelles. Disponível em <[https://www.rtb.be/ww1/topics/detail\\_the-economy-around-1914-overview?id=8356024](https://www.rtb.be/ww1/topics/detail_the-economy-around-1914-overview?id=8356024)>. Acesso em 25 fev. 2022.

THIERS, Marie-Joseph-Louis-Adolphe. *Histoire de l'Empire: faisant suite à l'Histoire du Consulat*, t. 4. Paris: Lheureux, 1867.

TOMASZEWSKI, Fiona. *Triple Entente or unholy alliance ? Official russian attitudes toward Britain and France, 1906 to 1914*. 1992. Tese (Doutorado em Filosofia) – McMaster University, Hamilton. 1992.

VELAERS, Jan. Albert I, King of the Belgians. *1914-1918 International Encyclopedia of the First World War*. Disponível em <[https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/albert\\_i\\_king\\_of\\_the\\_belgians#:~:text=Albert%20and%20his%20government%20refused,t he%20conduct%20of%20the%20war.](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/albert_i_king_of_the_belgians#:~:text=Albert%20and%20his%20government%20refused,t he%20conduct%20of%20the%20war.)>. Acesso em 24 fev. 2022.



<sup>1</sup> De acordo com Lawrence Sondhaus, “em setembro de 1914, em declarações citadas pela imprensa norte-americana, o biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel fez a primeira referência registrada ao conflito como ‘Primeira Guerra Mundial’ [...]. O rótulo de ‘Primeira Guerra Mundial’ só se tornaria corrente depois de 1939, quando a revista Time e uma série de outras publicações popularizaram seu uso como corolário da expressão ‘Segunda Guerra Mundial’.” No presente trabalho, utilizaremos a expressão corrente da época Grande Guerra. Ver SONDHANUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. São Paulo: Contexto, 2015.

<sup>2</sup> O arquiduque Franz Ferdinand da Áustria, herdeiro presuntivo do trono austro-húngaro, e sua esposa, Sofia, duquesa de Hohenberg, foram assassinados em 28 de junho de 1914 pelo estudante nacionalista sérvio-bósnio Gavrilo Princip, enquanto visitavam por Sarajevo, a província capital da Bósnia-Herzegovina.

<sup>3</sup> KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster, 1994.

<sup>4</sup> PALMER, Alan. *Bismarck*. Brasília: Editora UNB, 1982.

<sup>5</sup> DER BAGDASARIAN, Nicholas. *The austro-german rapprochement, 1872–1879: from the Battle of Sedan to the*

Dual Alliance. Cranbury: Fairleigh Dickin son University Press. 1976.

<sup>6</sup> TOMASZEWSKI, Fiona. *Triple Entente or unholy alliance ? Official russian attitudes toward Britain and France, 1906 to 1914*. 1992. Tese (Doutorado em Filosofia) – McMaster University, Hamilton. 1992.

<sup>7</sup> BURY, J.P.T. *The New Cambridge Modern History: the shifting balance of world forces 1898–1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

<sup>8</sup> HEALEY, Gordon. *The anglo-french military and naval conversations, 1906-1912: a study in pre-war diplomacy*. 1952. 150 f. Dissertação (Mestrado em Artes). North Texas State College, Denton. 1952.

<sup>9</sup> Alfred von Schlieffen (1833-1913) foi chefe do Estado-Maior Geral alemão e desenvolveu o plano de ataque (Plano Schlieffen) que os exércitos alemães utilizaram, com modificações significativas, na deflagração da Grande Guerra.

<sup>10</sup> Helmuth Johannes Ludwig von Moltke (1848-1916), conhecido como "Moltke, o jovem", para diferenciá-lo do seu tio, o marechal de campo Helmuth Karl Bernhard von Moltke, foi chefe de Estado-Maior Geral da Alemanha entre 1906 e 1914.

<sup>11</sup> Muito antes do início do conflito, o Estado-Maior Geral alemão havia elaborado o Plano Schlieffen, o qual



estabelecia que em um cenário de guerra da Alemanha contra inimigos em duas frentes (França, no Ocidente, e Rússia, a Leste), deveria ser desfechado um rápido ataque contra os franceses, antes que os russos pudessem mobilizar seu imenso exército. Tal planejamento previa um amplo movimento de envolvimento através dos Países Baixos, Luxemburgo e Bélgica, tendo como objetivo prioritário a conquista de Paris no mais curto prazo possível. Ver LINDEMANN, Thomas. *L'idéologie de l'offensive dans le plan Schlieffen*, 2005. Disponível em <<http://www.institut-strategie.fr/>>. Acesso em 24 fev. 2022.

<sup>12</sup> GILBERT, Martin. *A primeira guerra mundial: os 1.590 dias que transformaram o mundo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

<sup>13</sup> VELAERS, Jan. Albert I, King of the Belgians. 1914-1918 *International Encyclopedia of the First World War*. Disponível em <[<sup>14</sup> HORNE, John; KRAMER, Alan. \*German Atrocities, 1914: a history of\*](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/albert_i_king_of_the_belgians#:~:text=Albert%20and%20his%20government%20refused,the%20conduct%20of%20the%20war.></a>. Acesso em 24 fev. 2022.</p></div><div data-bbox=)

denial. Newhaven: Yale University Press, 2001.

<sup>15</sup> THE ECONOMY around 1914: overview. RTBF, Bruxelles. Disponível em <[https://www.rtbf.be/ww1/topics/detail\\_the-economy-around-1914-overview?id=8356024](https://www.rtbf.be/ww1/topics/detail_the-economy-around-1914-overview?id=8356024)>. Acesso em 25 fev. 2022.

<sup>16</sup> HISTOIRE(S) & PATRIMOINE DE CHARLEROI. *Les débuts et la fin du village de Charleroy*. Disponível em <<https://www.charleroi-decouvrir.be/pages/index.php?id=411>>. Acesso em 24 fev. 2022.

<sup>17</sup> Ibid.

<sup>18</sup> HAMILTON-WILLIMS, David. *Waterloo: new perspectives, the great battle reappraised*. London: Arms & Armour Press, 1993.

<sup>19</sup> THIERS, Marie-Joseph-Louis-Adolphe. *Histoire de l'Empire: faisant suite à l'Histoire du Consulat*, t. 4. Paris: Lheureux, 1867.

<sup>20</sup> HASQUIN, René-Pierre Hasquin. *De Charnoy-village à Charleroi-Métropole*. Bruxelles: Labor, 1969.

<sup>21</sup> NAËRT, M. C. et all (org.). *Les armées françaises dans la Grande guerre*, v. 1 Paris: Imprimerie nationale, 1936.

<sup>22</sup> CRON, Hermann. *Imperial German Army 1914-18: organisation, structure, orders-of-battle*. Solihull: Helion, 1937.



<sup>23</sup> A *offensive à outrance* é uma expressão utilizada para descrever a doutrina do exército francês de 1911 a 1914. O princípio no nível estratégico era atacar sempre que possível, enquanto que no nível tático era investir sobre o adversário, buscando o combate corpo a corpo. A doutrina cairia por terra devido aos avanços tecnológicos verificados na Grande Guerra, especialmente a metralhadora e a artilharia, que produziram baixas sem precedentes em conflitos anteriores.

<sup>24</sup> SAMBRE-MARNE-YSER. *Bataille de Charleroi (21-23 août 1914)*. 2006. Disponível em <<http://www.sambre-marne-yser.be/>>. Acesso em 23 fev. 2022.

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> O mito dos franco-atiradores era particularmente forte entre as tropas alemãs e seus líderes desde a Guerra Franco-Prussiana de 1870. Foi, inclusive, descrito em manuais sobre a arte da guerra: por exemplo, os autores do manual *Kriegsgebrauch im Landkriege*, publicado em 1902 pelo Estado-Maior Geral alemão, exortavam os oficiais e tropas a serem extremamente severos no tratamento a ser dado aos franco-atiradores. O mesmo argumento foi levantado pelos alemães em Dinant, para justificar o assassinato de 647 cidadãos belgas, cerca de 8,5% da população da cidade.

<sup>27</sup> ANDENNE VILLE MARTYRE. *Le cimetière des fusillés*. Disponível em <<https://ville-martyre.andenne.be/project/le-cimetiere-des-fusilles/>>. Acesso em 25 fev. 2022.

<sup>28</sup> Um uhlano é um soldado de cavalaria armado com lança nos exércitos eslavos e germânico, semelhante ao lanceiro nos exércitos franceses.

<sup>29</sup> BIBLIOTHECA DIGITALIA SAMBREVILLE. *Horreur de la Guerre (Croix-Rouge), massacre de Tamines, le 22 août 1914 - 637 victimes*. Disponível em

<<https://bibliotheqa.sambreville.be/thematiques/histoire/guerre-14-18/archives/horreur-de-la-guerre-croix-rouge-massacre-de-tamines-le-22-aout-1914-637-victimes>>. Acesso em 24 fev. 2022.

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> ALEXANDRE, Simon. *Mémoire d'une "Cité martyre": le massacre de Tamines du 22 août 1914*. Leuven: Université Catholique de Leuven, 2001.

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> Ibid.

<sup>34</sup> FRANÇOIS, Aurore; VESENTININE, Frédéric. *Essai sur l'origine des massacres du mois d'août 1914 à Tamines et à Dinant. Cahiers d'Histoire du Temps Présent*, Bruxelles, CEGES-SOMA, n. 7, 2000, p. 51-82.

<sup>35</sup> Ibid.



<sup>36</sup> HORIZON 14-18. *Bataille de Charleroi*. Disponível em <<https://horizon14-18.eu/charleroi.html>>. Acesso em 25 fev. 2022.

<sup>37</sup> Ibid.

<sup>38</sup> Ibid.

<sup>39</sup> Ibid.

<sup>40</sup> Ibid.

<sup>41</sup> Apesar da intensidade do ataque alemão e das vítimas em Charleroi e Tamines, pude verificar em pesquisa de campo que a memória da Grande Guerra em Charleroi é mais difusa do que em Dinant, onde 647 civis foram fuzilados pelos alemães e as recordações das atrocidades são muito vívidas, decorridos cem anos do evento.

<sup>42</sup> NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

<sup>43</sup> DIERICK, François. *Histoire(s) & patrimoine de Charleroi*. Disponível em <<http://www.charleroi-decouvrir.be/pages/index.php?id=503>>. Acesso em 27 fev. 2022.

<sup>44</sup> *A nos martyrs*

<sup>45</sup> DIERICK, op.cit.

<sup>46</sup> Ibid.

<sup>47</sup> Ibid.

<sup>48</sup> Pesquisa de campo realizada pelo autor em 12 de fevereiro de 2022.

<sup>49</sup> MUSÉE DES CHASSEURS À PIED. *Histoire et Architecture de la caserne d'infanterie de Charleroi*. Disponível em <<https://www.chasseurs-a-pied-belges.be/musee/musee.htm>>. Acesso em 27 fev. 2022.

<sup>50</sup> Pesquisa de campo realizada pelo autor em 12 de fevereiro de 2022.

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> Comunidade britânica.

<sup>53</sup> EVERARD, Jean. *Monographie des rues de Charleroi*. Charleroi: Collins, 1959.

<sup>54</sup> Pesquisa de campo realizada pelo autor em 12 de fevereiro de 2022.

<sup>55</sup> LES MONUMENTS AUX MORTS. Belgique (Namur), Tamines. Disponível em <<https://monumentsmorts.univ-lille.fr/monument/37968/tamines-place/>>. Acesso em 27 fev. 2022.